

# A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 \* ANO XXIV - N.º 455 - Melgaço, 15 de Agosto de 1970 \* Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Tel. 22455 - Braga

## O Snr. Professor Rodrigues

- Consumou-se o crime político...
- Foi louvado pelos Srs. Ministro do Interior e Governador Civil...
- Com o respeito e o carinho do Povo...
- Por mais uns 4 anos ficará connosco...
- Pobre terra esta!...

JÁ não há dúvida: consumou-se o crime político. E entendendo-lo assim: — um Presidente da Câmara que foi duas vezes reconduzido, a quem faltavam apenas 14 meses, para terminar o seu mandato, o Homem que esteve à altura das suas responsabilidades políticas, trazendo para o Governo todos as vitórias eleitorais, o Homem que tinha a sua máquina montada, as suas amizades, o seu prestígio para enfrentar novos prêmios eleitorais, é **simplesmente exonerado**. Isto, quando os partidos políticos e achamos bem, estão a tomar parte activa nas grandes refregas eleitorais! Exonera-se então um Homem, que no silêncio da sua casa pode resolver nunca mais voltar à boa arena política, desgostado e desiludido! Mais um!

Quem faz perder estes valores?

\*

Mais: — nestes tempos de plena sensibilidade, na vivência dos direitos do homem, nestes tempos de respeito pela vontade do Povo (não somos uma República Corporativa?) como se vai exonerar um Presidente que tinha a estima e o respeito da quase totalidade dos munícipes, **impondo-se-nos** um outro?

Como é que se aproveitou o seu prestígio, a sua honradez, o seu apuro, para ganhar as últimas eleições e, após a vitória, se manda simplesmente embora?

Aqui, se bem entendemos, há grave escândalo também: — porque é que nenhum Deputado pelo distrito veio à posse do Senhor Doutor Sidónio e alguns foram à do Senhor dr. Pedreira, novo Presidente da Câmara de Vila Nova de Cerveira?

Quanto a nós consumou-se o crime político!

\*

Mes o Professor Rodrigues ficará na Câmara mais uns quatro anos connosco. Os projectos por ele acompanhados e devidamente aprovados, o seu trabalho, enfim, ainda continuarão a ter execução durante alguns anos. Ele aí está ainda connosco! Muitas obras por estes anos além que vão ser executadas e inauguradas, foram por Ele estudadas e projectadas. São devidas ao Professor Rodrigues.

\*

Como é que se vai escolher para Presidente desta nossa terra, um homem da **facção**, quando o respeito pela união do Povo da nossa terra exigiria alguém que pudesse unir toda esta boa família melgacense?

Como vai a política no nosso distrito!

(Continua na 4.ª página)

## HOMENAGEM AO

Professor  
Rodrigues

*Causou a melhor impressão a noticia dada pelo nosso jornal duma grande homenagem ao Sr. Prof. Rodrigues, a realizar em altura oportuna.*

*A nossa Redacção tem chegado muitas cartas de adesão, vindo algumas de Lisboa. Prevemos que esta homenagem vai resultar grandiosa. Assim o exige a virtude da nossa boa gente, sempre grata aos homens que a souberam estimar.*

O Santo da Quinzena

## S. Joana A. Thouret

No fundo de um vale encantador do Jura, na cidadezinha de Sancey-le-Long, perto de Besançon, nasceu Joana Antida a 27 de Novembro de 1765, primeira filha do casal Francisco Thouret e Cláudia Labbe, pais profundamente cristãos, que já tinham experimentado a alegria de quatro berços.

Bem juvenzinha ainda, já se alinhavam os traços característicos de uma fisionomia amável: profunda piedade, grande caridade, alimentadas de pureza e vigorosa energia. Ficou órfã de mãe aos dezassete anos, vindo sobre os seus fracos ombros a pesar todo o governo da casa, cargo de que se desempenhou mui dignamente e com fortaleza de espírito. Ser toda de Deus e dos pobres era a sua profunda e secreta aspiração. À sua madrinha de baptismo dizia sempre: «Minha madrinha, eu quero entrar no convento». Sentindo-se forte

(Continua na 4.ª página)

## Agradecimento

Ao povo bom do meu Concelho quero prestar-lhe as minhas homenagens de gratidão. Agradeço a colaboração e cooperação que me prestou durante os quase 11 anos da minha actividade como Presidente da Câmara; agradeço todas as facilidades e atenções concedidas, que muito facilitaram e aliviaram o exercício de tão espinhoso cargo; agradeço ainda as palavras de gratidão e de súplica nas horas grandes e nas difíceis, bem como o apreço e carinho que sempre me manifestou.

Sensibilizou-me sobremaneira a prova de simpatia e consideração da grande maioria, quando, ainda há pouco, manifestou — quer por escrito, transmitindo aos superiores, quer pessoalmente e de viva voz — o desejo profundo e sincero, sem qualquer coacção ou intimidação, de me ver continuar à frente dos destinos do Concelho. Sensibilizou-me igualmente o desgosto profundo, manifestado perante o meu afastamento dos destinos do Concelho.

Esta sincera, amiga e corajosa atitude da grande e significativa maioria dos meus caros conceterrâneos é a maior recompensa para os meus sacrifícios em prol do Concelho. Espero continuar a merecer deste bom e querido povo a mesma consideração e amizade, já que da minha parte — posso dar-lhe a certeza — nada fiz de mal que possa desmerecer essa mesma consideração e amizade.

A todos os amigos o meu mais vivo sentimento de gratidão e estima.

\* \* \*

As referências «elogiosas» que me foram feitas ultimamente em acto de posse, por elementos do «movimento», não só não as aceito, como as rejeito, indignado com tanta ousadia, e porque não espontâneas, já que em completo desacordo com a campanha infame e torpe, totalmente evitada de mentiras e calúnias, que antes me fizeram. Manifesto estes mesmo sentimentos à entidade que propôs a minha exoneração, pois não são conciliáveis as duas coisas. O contrário, isto é, aceitá-las, seria manchar a minha dignidade.

(Continua na 4.ª página)

## No reino de PILATOS e HERODES

— Ó compadre, jamais se viu tamanha canalhice!

— Então porque?

— Porque Judas ainda se envergonhou das que fez e enforcou-se para não continuar com a vergonha às costas e há por aí tipos que mais se parecem com Pilatos e Herodes: lavam as mãos e louvam a quem assassinaram covardemente!

— Estamos bonitos!

## Antigualhas Melgacenses

II

A razão que me levou a considerar o velho Melgaço como sequência de uma antiga vila romana baseia-se no facto de o rei D. Afonso Henriques conceder-lhe foral e automaticamente formarem rancho à parte no julgado de Valadares o grupo de freguesias que eram S. Paio, Rouças, Santa Maria da Porta, Santa Maria do Campo, S. Fagundo, Chaviães, Paços e Cristóval, sem que o Rei tivesse estabelecido limites.

De S. Paio vieram a desmembrar-se Prado e Remoães, e Santa Maria da Porta, actual vila, absorveu Santa Maria do Campo e S. Fagundo.

Tinha evoluído a vila romana. A sede (ou capital se assim quiserem chamar) passou para onde hoje é a vila, sítio mais alto para se poder organizar a defesa da gente que vivia nestas terras.

O rio Minho foi navegável em muito maior extensão do que em nossos dias. Da beira mar, ao correr da sua margem esquerda, vinha uma antiga estrada romana. Outras gentes devem ter cobijado o pão, o metal e os gados do velho Melgaço. A prudência, a cautela, ou a experiência de sofridas depreciações não-de ter aconselhado a fortificação. Dela nada apurei de positivo e concreto para antes do século XII em que D. Afonso Henriques entendeu fortificá-la de novo, mas desta vez para defender o novo reino das incursões vindas em sentido contrário, de além Trancoso, afluente do Minho, que naquele tempo se chamava Doma e mais tarde Várzea. De notar para estes nomes que ainda temos o lugar Doma em Cristóval, e Puente Barjás, na fronteira galega onde con-

(Continua na 4.ª página)

## Fronteira de Lindoso

Informaram-nos que no dia 13 esteve nas fronteiras da Portela do Homem, Gerês, e na de Lindoso, o Director Geral das Alfândegas de Espanha.

O motivo da visita foi estudar qual das duas estaria em condições de se abrir.

Seria um milagre que a preferida fosse a do Lindoso, no nosso Distrito, com a horrível estrada de acesso à fronteira. E, contudo, a sua abertura era muito útil ao Distrito.

## Ministério do Interior

Direcção-Geral de Administração Política e Civil

1.ª Repartição

Por despacho ministerial de 13 do corrente:

Manuel José Rodrigues — Louvado pela dedicação com que serviu os interesses do Concelho de Melgaço durante o período de cerca de onze anos em que exerceu as funções de Presidente da respectiva Câmara Municipal.

Direcção-Geral de Administração Política e Civil, 15 de Julho de 1970 — O Director-Geral, António Pedrosa Pires de Lima.



# Várias Notícias da Vila

**ANTÓNIO DO PAÇO** — Encontra-se nesta Vila, vindo de França, acompanhado de sua Esposa Madame Wandá Rombel do Paço e filha Madmoiselle Marie Claude do Paço, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António do Paço, residentes em Montchanin (França), acompanhado também de sua mãe, Sr.<sup>a</sup> D. Maria Régio do Paço, e sua sobrinha, Maria Helena Ferreira do Paço.

A todos os nossos cumprimentos.

**JOSE JOAQUIM PIRES** — De visita à sua família, encontra-se entre nós o nosso conterrâneo Sr. José Joaquim Pires, acompanhado de sua esposa Sr.<sup>a</sup> D. Teresa Martins Pires e filhos, residentes em França.

Os nossos cumprimentos.

**D. MARIA DAS DORES LOPES GONÇALVES DA ROCHA** — Na «Casa da Corredoura», em Prado, esteve a passar alguns dias, junto de sua família, donde já regressou a Lisboa, a nossa conterrânea Sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Lopes Gonçalves da Rocha, esposa do nosso estimado assinante Sr. Manuel Henrique Cordeiro da Rocha, conceituado comerciante e industrial, naquela cidade.

Os nossos cumprimentos.

**D. MARIA CÂNDIDA DA CUNHA ESTEVES MENEZES** — Após ter passado uma temporada, junto de seu marido Sr. Engenheiro Rui Manuel de Menezes, funcionário superior da Companhia dos Diamantes em Angola, regressou a esta Vila a nossa ilustre conterrânea Sr.<sup>a</sup> Professora D. Maria Cândida da Cunha Esteves Menezes, acompanhada de sua filha.

Os nossos cumprimentos, de boas vindas.

**CICERO PIMENTA** — Tivemos o prazer de ver nesta Vila, durante uma temporada, o nosso gozo de merecidas férias, o nosso amigo e conterrâneo Sr. Cicero Pimenta, funcionário da firma «Termorel» em Lisboa, acompanhado de sua Esposa Sr.<sup>a</sup> D. Lu-

cinda do Patrocínio Barreiros Pimenta.

Os nossos cumprimentos.

**ACÁCIO CAETANO DIAS** — Acompanhado de sua Esposa Sr.<sup>a</sup> D. Teresa Dias e filha, menina Clementina Dias, esteve entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Acácio Caetano Dias, funcionário do Banco Nacional Ultramarino em Lisboa.

Acompanhava este casal nosso amigo, o Sr. Manuel Neves Pontes, também funcionário do Banco Nacional Ultramarino, sua esposa Sr.<sup>a</sup> D. Bernardete Eiras Pontes e filhos.

A todos os nossos cumprimentos.

**JOSE LUIS BALEIXO** — De visita à sua família, esteve nesta vila, a passar férias, vindo de França, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José Luís Baleixo, acompanhado de sua Esposa Sr.<sup>a</sup> D. Maria Noémia do Paço Baleixo, e da menina Maria Louise, de nacionalidade francesa.

Os nossos cumprimentos.

**JOSE AUGUSTO MARTINS** — Acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa Sr.<sup>a</sup> D. Margarida da Silva Martins e filho, menino Paulo da Silva Martins, encontra-se no lugar de Sante, freguesia de Paderne, o nosso estimado conterrâneo Sr. José Augusto Martins, conceituado comerciante no Rio de Janeiro, (Brasil).

Ao querido amigo, que esteve na nossa redacção a apresentar cumprimentos, e que teve a gentileza de pagar a assinatura de seus familiares, residentes no Rio de Janeiro, e a toda a família, apresentamos os nossos cumprimentos.

**MONSIEUR HENRI PELLIER** — De visita, esteve alguns dias nesta Vila, em casa da Sr. D. Maria Rodrigues Régio do Paço e seus familiares, Monsieur Henri Pellier e sua Esposa Madame Pellier, naturais de Montchanin (França), onde são industriais.

Os nossos cumprimentos.

**MANUEL MARIA PEREIRA** — Acompanhado de sua esposa Sr.<sup>a</sup> D. Isaura Marinho Pereira e filho, encontra-se junto de sua família, nesta Vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel Maria Pereira, residentes em Le Creusot — França.

Os nossos cumprimentos.

**SALVADOR DA CUNHA** — Tivemos o prazer de ver nesta Vila, vindo de França o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Salvador da Cunha, acompanhado de sua esposa, Sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Gonçalves da Cunha e filhos.

Os nossos cumprimentos.

**MANUEL INÁCIO DURÃES** — Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se entre nós o nosso conterrâneo e assinante Sr. Manuel Inácio Durães, muito digno chefe da P. S. P., em Viana do Castelo.

Os nossos cumprimentos.

**ANIVERSÁRIO** — No passado dia 7, festejou o seu aniversário natalício a menina Clementina Dias, filha do nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Acácio Caetano Dias, funcionário do Banco Nacional Ultramarino em Lisboa e da Sr.<sup>a</sup> D. Teresa Dias, residentes em Lisboa.

Desejamos à aniversariante, longa vida, e os nossos parabéns.

**OSCAR MARINHO** — Acompanhado de sua Esposa Sr.<sup>a</sup> D. Arminda da Cunha Esteves Marinho e filhos, encontra-se entre nós em gozo de merecidas férias, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Oscar Marinho, escriturário de 1.<sup>a</sup> Classe do Tribunal da Comarca de Benavente.

Os nossos cumprimentos.

**ALFERES HENRIQUE RIBEIRO LIMA** — Em gozo de merecida licença, encontra-se nesta Vila, de visita à sua família, vindo da nossa província ultramarina de Angola, onde está no cumprimento da sua missão de soberania, o nosso amigo e conterrâneo Sr. Alferes Henrique Ribeiro Lima, filho do nosso estimado assinante Sr. João Manuel de Sousa Lima, 1.<sup>o</sup> Cabo da Guarda Fiscal e da Sr.<sup>a</sup> D. Nazareth Ribeiro Lima.

Os nossos cumprimentos.

## BANCO FERNANDES MAGALHÃES



SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

**CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:**

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira  
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris  
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

## Sociedade

### Aniversários

**LINDOSO SOLHEIRO DE OLIVEIRA** — Acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa Sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Solheiro de Oliveira e filha, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso ilustre conterrâneo Sr. Lindoso Solheiro de Oliveira, residentes em Carcavelos.

Ao ilustre visitante, que nos deu o prazer de fazer a assinatura do nosso jornal e à sua Ex.<sup>ma</sup> família, apresentamos os nossos cumprimentos.

**BANDA DE MÚSICA** — A caminhar das festas de S. Tiago em Pomares, passou por esta Vila, a Banda de Música das oficinas de S. José, da Cidade de Braga, que numa gentileza cativante, nos deu o prazer de fazer uma arduada pelas ruas desta Vila.

E seu regente o maestro Sr. João Bráz e acompanhava a dita Banda de Música o Sr. Director das Oficinas Rev. P.<sup>o</sup> José da Costa Araújo.

Gratos pela Gentileza.

**AFONSO LARES** — Encontra-se nesta Vila, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa Sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena Fernandes Pinto Lares, a passar férias o Sr. Afonso Lares, nossos estimados assinantes residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

### Os nossos leitores e colaboradores

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível neste número publicar o restante de «Colóquio de Turismo e Termalismo do Norte», assim como diversos artigos dos nossos estimados colaboradores, o que faremos no próximo número sem falta.  
As nossas desculpas.

## Agência de Viagens "RUMO,"

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

## MELGACENSE!

SE VAIS A LISBOA ALMOÇA OU JANTA

no acreditado Restaurante "Snak-Bar," **Tampico**

Travessa da Queimada Bairo Alto — LISBOA

Proprietário o Melgacense: JOAQUIM CARDOSO, L.<sup>da</sup>

Vinho do Porto **BARROS**

De todos o mais saboroso De todos o mais preferido

REGIST. BRAND. OPORTO

Lágrima Christi **BARROS** em França o mais apreciado

## MANCOZAN

Pó molhável micronizado e azul, ideal para as suas «sulfatações». Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha «sulfatada» com este produto, e tirará esta conclusão: defesa segura, contra o mildio e maior produção.

Agente distribuidor:

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

## Foto CALDAS

TELEFONE, 42220  
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

## VENDE - SE

Na Breia, bom campo denominado LEIRA-LONGA, com 170 m. de comprimento, e com boas latadas em todo o comprimento e largura.

Informa: Felicidade Pinheiro — Rua Direita — PRADO.



## Pelo Hospital e Lar de S. José De Chaviões

(Continuação da 5.ª página)

E já cá em cima, afaguei-o e disse-lhe, apontando a casa: — vai-te embora, fica tu! Fica!

Sentei-me, depois, um pouco no muro da quinta do sr. Ferreira da Silva. Olhei novamente para aquela casa, aonde fora quase todos os dias, ao sol e à chuva, a pé (não tenho carro!). Lá em baixo, ainda estavam algumas velhinhas à porta...

Dez anos de trabalho cansados! De graça. Este que foi um pobre e humilde criado dos velhinhos e de graça.

Ninguém teve uma palavra de gratidão. Não houve um abraço. Ali estive sentado naquele muro largos momentos, com muita saudade, com muita pena!

Ninguém fora capaz de criar aquela obra!

E nem sequer um abraço, uma palavra de gratidão...

Pouco menos que uns malfeitores!

E disse ao Senhor: — como Vós, Senhor. Como Vós!...

Lembrei aquelas palavras de Jesus: — o que vós fizerdes a estes pequeninos é a mim que o fazeis.

Ao Senhor Jesus. Isso nos basta. Dez anos de serviço ao Senhor nos nossos Irmãos...

E agora? — Pois o que se deu, foi um pequeno acidente de viação. Saimos contentes.

## Várias notícias da Vila

**GASPAR OCTAVIO PASSOS DE ALMEIDA** — Na sua residência da Quinta dos «Esparizes» desta Vila, esteve durante alguns dias de visita à sua família, o nosso ilustre conterrâneo Sr. Gaspar Octávio Passos de Almeida, conceituado comerciante e industrial, em Lisboa e também nosso estimado assinante, acompanhado de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa.

Os nossos cumprimentos.

**ALFERES MANUEL JAIME FERNANDES** — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo Sr. Alferes Manuel Jaime Fernandes, em serviço no Quartel de Transmissões na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

**ARNALDO DE ARAÚJO** — Acompanhado de sua esposa e filhos, esteve nesta vila, em gozo de merecidas férias o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Arnaldo de Araújo, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

**ANTÓNIO RIBEIRO** — Em gozo de merecidas férias, esteve durante uma temporada na sua casa da Carpinteira, freguesia de S. Paio o nosso estimado assinante e colaborador, Sr. António Ribeiro, Escriturário de 1.ª Classe do Tribunal do Trabalho em Vila Nova de Famalicão.

Os nossos cumprimentos.

**MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO**  
SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro  
MELGAÇO

Espero publicar um livro sobre estes 10 anos. De nada temos de que nos envergonhar. Não foi obra perfeita, mas quem é que neste mundo a faz? E com tão reduzidos meios?...

E agora? — Pois agora recomçar.

Dizia um famoso chefe: — o que interessa é a última batalha!

Deixamos as duas casas. No meio do carinho do nosso bom Povo, que nunca nos faltou, falemos os cortejos! Nas suas ofertas, grandes, volumosas e pequenas, o carinho dos irmãos que sempre nos escolheram, no respeito de pessoas gradas da nossa terra, que nos propuseram para a última nova eleição, ao Sr. Governador Civil, pelo resultado do inquérito ordenado pelo então Governador Civil, dr. Alfredo Pinto, que concluiu pela estima dispensada à Mesa. Pensamos publicar brevemente um livro em que nos propomos historiar todos estes acontecimentos.

A todos muito obrigado.

O P.º CARLOS

## Acto de honradez

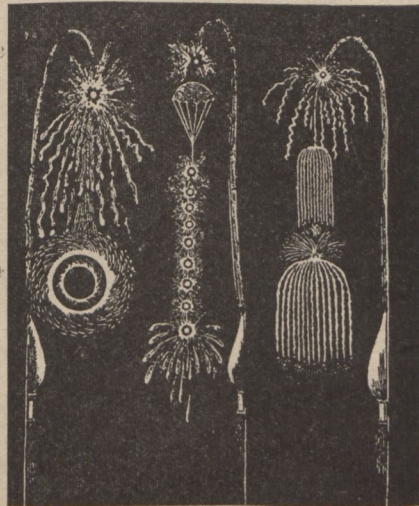
Na noite do passado dia 1, depois de terem assistido a um espectáculo de circo, dois jovens, José António de Oliveira e seu primo José Manuel de Oliveira, de 12 e 11 anos de idade, naturais desta Vila, encontraram uma carteira com uma certa quantia em dinheiro, em seguida os mesmos entregaram a dita carteira ao Sr. Comandante do Posto da G. N. R. local, Sr. Alfredo José da Costa, tendo-a este imediatamente, através dos documentos que a mesma continha, entregado ao seu dono.

Louvamos a atitude dos jovens, que assim praticaram um acto de honradez.

O que, por vezes, muitos adultos não fazem.

P. R.

Assine e Anuncie na  
«A VOZ DE MELGAÇO»



Fábrica de  
FOGOS  
DE ARTIFÍCIO

DE  
Manuel Correia Gomes da Costa

Descendente da antiga firma de  
Alberto Gomes da Costa & Filhos,  
de Ponte da Barca

MOREIRA — TELEF. 56137

MONÇÃO

Falar ao próprio ou ao  
Sr. António Reinales, em Melgaço

## AS SORTES GRANDES

E OS PRÊMIOS GRANDES  
sucodem-se na

## CASA DA SORTE

Em 31-7-970  
MAIS UM

1.º PRÊMIO-38 034  
4 200 CONTOS

Ao comprar Lotaria verifique bem  
se tem o CARIMBO e a MARCA da

## CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em  
Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

## De Parada do Monte

28,7

**Nascimentos** — Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.<sup>a</sup> Maria Rodrigues, esposa do sr. Armando Lourenço, da Trigueira.

Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.<sup>a</sup> Virginia Afonso, esposa do sr. Mário Afonso, do Corrascal.

— Com bom sucesso deu à

Apadrinharam o acto, pela noiva, a Ex.<sup>ma</sup> Sra D. Rosa Maria de Lima e o Sr. Manuel Lopes e pelo noivo a Ex.<sup>ma</sup> Sra D. Nicole Guerreiro e o Sr. João Guerreiro.

No final da cerimónia, o cortejo nupcial que se fez transportar em grande número de automóveis, foi dirigido para o Hotel Aliança da cidade de Braga, onde foi servido um abundante e bem confeccionado almoço a todos os convidados.

Discursou o Rev.º P.º Leal, que enalteceu as boas qualidades do novo lar e lhes formulou um mundo cheio de felicidades. — C.

luz uma criança do sexo feminino a sr.<sup>a</sup> Delmira de Fátima Gonçalves, esposa do sr. Manuel Rodrigues, da Trigueira.

O mesmo acontecimento se deu com a sr.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Pires, esposa do sr. Manuel Lima Vaz, do Casal, que deu à luz uma criança do sexo masculino.

No lugar da Trigueira, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.<sup>a</sup> Maria Alice Alves, esposa do sr. Júlio Afonso.

E ainda no mesmo lugar teve a sua delivrance com uma criança do sexo feminino a sr.<sup>a</sup> Rosa Pires, esposa do sr. Alvaro Rodrigues.

**Chegadas de França** — Chegaram os srs. Alvaro Rodrigues, Cesário Pires e filho, Justino Afonso, mulher e filhos, Elvira de Carvalho, Armando Vaz Domingues, Ermindo Pires, Máximo Esteves, Almerindo Pires, Manuel Alves, José Afonso, Sérgio Evangelista da Cunha, José de Carvalho, mulher e filho, Manuel Pires, mulher e filha, e Constantino Pires.

**Partidas** — Partiu para França o sr. Júlio Pires. Para o Canadá o sr. Manuel Afonso.

**Festa da S.<sup>a</sup> da Vista** — Realizou-se na sua capela da Minhoteira, no dia 2, a festa em honra da Senhora da Vista, com missa cantada, sermão e procissão.

**Exames** — Foram este ano a exame 11 rapazes e 12 meninas, ficando todos bem.

Damos os nossos parabéns aos seus pais e às sr.<sup>as</sup> professoras que assim souberam educar para a vida estes jovens.

**O tempo e a agricultura** — Após uma estiagem de quase 2 meses, veio uma chuva que muito beneficiou a agricultura, principalmente a vinha que este ano está prometedora. Os milheiros também estão muito bons. — C.

**Dr. Oliveiros Rodrigues**

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro  
MELGAÇO



# Antigualhas Melgacenses

(Continuação da 1.ª página)

duzia a velha estrada cortando o regato na ponte das Várzeas suficientemente documentada nas crónicas da Guerra da Restauração, anos seguintes a 1640.

No território da vila antiga outras mais modernas foram surgindo com a reconquista, e naturalmente novos Paços, quer fossem ainda seqüência da velha organização romana, quer já solares de novos presores apropriantes, quer de *filhos de algo* muitos deles trazidos de longas terras pelo espírito de cobiça e aventura.

A padroeira antiga de Chaviães, Santa Seguinha (em latim Seculina), sem outra igual no Condado Português, é de origem francesa no dizer do grande investigador Pierre David.

Refeitos nas Astúrias, os cristãos começaram de rechaçar os mouros, ajudados por guerreiros vindos de além Pireneus. Algum deles terá ficado em Chaviães e ali terá erguido o templo românico que ainda existe, nave da actual igreja paroquial a que mais tarde foram acrescentadas a capela-mór, a torre, e uma casa anexa para as confrarias. Muito compreensivelmente dedicou o templo a uma santa cuja devoção o acompanhou ao sair das Suas terras e que muitas vezes terá invocado nas horas incertas da vida de um guerreiro.

As novas vilas foram germen de novas freguesias na organização eclesiástica.

A formação e delimitação das freguesias em volta de igrejas e basilicas foi lento fenómeno social que não estava ainda consumado nos primeiros tempos da nossa autonomia nacional. A maior parte das freguesias assenta em divisões territoriais existentes, principalmente as vilas, e algumas ficaram com limites mal definidos que originam conflitos ainda em nossos dias.

Em documento de 1071 ficou-nos memória do mosteiro de Paderne. Era em S. Paio, o do Salvador apareceu mais tarde um século. Trata-se de uma doação à Sé de Tui feita pela infanta D. Urraca irmã de D. Afonso VI, filha de D. Fernando I.

Aí se menciona metade indivisa que ela tinha *«do mosteiro de S. Paio de Paderne conforme está por limites com a Vila de Prado, como parte pelo meio do leito do Minho, com suas pesqueiras, com seus bomens, e com todas as suas pertenças»*.

Cá temos uma pequena vila, Prado, que naquele tempo seria uma extensa quinta e mais tarde veio a dar uma freguesia. Seus bomens eram os habitantes ligados à terra, servos da gleba, que mudaram de senhorio, ou de patrão como hoje diríamos.

Para exemplo haja em vista que Parada do Monte vem mencionada em documentos do mosteiro de Fiães do século XII com o nome de *Vila de Parada*. Um dos documentos, a passos largos, menciona os limites da Vila que ainda hoje são os da freguesia, que se desmembrou de Riba de Mouro. Também lá há o lugar do Paço, onde morou o seu dono.

Muitos vestígios de pequenas vilas podemos encontrá-los nas diversas freguesias, se nos dermos ao cuidado de estudar a toponímia local. Em Paços temos Vila Draque, como em Fiães temos Vila do Conde. Em Remoães há Cimo de Vila que nos indica ter havido ali também uma vila, e em Alvaredo há Vilar, que recorda uma vila pequena.

Das vilas passou-se às granjas, terras que davam grão, e delas temos bastantes nomes antigos, quer em terras quer em povoações.

Vilas e granjas aparecem com frequência nas inquirições régias dos séculos XIII e XIV, bem como ainda *Quintana* e seu diminutivo *Quintanela*, hoje Quintã e Quintela, que vieram de *Quinta*.

P. M. A. BERNARDO PINTOR

# O SANTO DA QUINZENA

(Continuação da 1.ª página)

em sua vocação, não duvidou em imitar o exemplo de Santa Clara de Assis. Para evitar novas e perigosas comições na família, preparou bem calada a sua partida. Entrou num convento de S. Vicente de Paulo. A primeira pergunta da Superiora respondeu com simplicidade: «Tenho vinte e dois anos».

Joana achava-se em Bray, quando em Abril de 1792 uma horda de revolucionarios penetrou no convento para forçar as religiosas a fazerem o juramento constitucional cismático. Joana salvou-se trepando um muro, mas um dos fanáticos deu-lhe ainda uma coronhada de fusil com tal força, que lhe quebrou duas costelas. Em consequência disto, a jovem religiosa esteve em perigo da vida, durante oito meses. Um decreto da Convenção de 1793 dissolveu todas as Congregações religiosas, obrigando seus membros a voltarem para suas famílias. Também Joana deixou o hábito religioso. Um dia, chamada ao

parlatório, lá encontrou um deputado da Convenção, que com modos afáveis a convidou para ser sua esposa. Joana, indignada respondeu-lhe: «Senhor, vossa proposta muito me mortifica. Que motivos vos dei para chegardes a mim com tais intenções?» — «Nenhum, mas fechados os conventos, sois livres!». No que Joana respondeu-lhe com acento de gravidade: «Aconteça o que acontecer, senhor, minha firme resolução é considerar-me religiosa até à morte. Entreguei-me a Deus para sempre. Prefiro morrer a violar as promessas que lhe fiz. A liberdade de que falais e as penosas circunstâncias em que nos achamos, mais ainda me ligam a Deus e à minha santa vocação». O deputado despediu-se cheio de admiração por esta verdadeira esposa de Cristo.

Mais tarde, encontrava-se já em casa de sua família, quando soube que um dos seus irmãos era chefe dos revolucionarios: grande dasgo recebeu.

A sua actividade era: visitar os presos, onde recebia a santa comunhão da mão dos

## Beatriz Lopes de Sousa Cardoso

Na sua residência da Rua Velha desta Vila, faleceu no passado dia 3, confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja a nossa conterrânea Sr.ª D. Beatriz Lopes de Sousa Cardoso, de 79 anos de idade, viúva do saudoso e estimado assinante Sr. Francisco de Sousa Cardoso.

A extinta, era oriunda duma das mais distintas famílias da nossa terra, e era pessoa dotada de qualidades de carácter e de bondade que sempre a impuzeram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos a conheciam ou que com ela privavam.

Era mãe dos Senhores Amândio Ideal de Sousa Cardoso, comerciante em Lourenço Marques, Mimoso de Sousa Cardoso, Técnico Verificador, da Direcção de Finanças de Viana do Castelo, das Senhoras D. Maria Florinda de Sousa Cardoso, funcionária da Tesouraria da Fazenda Pública em Viana do Castelo, D. Maria Beatriz de Sousa Cardoso Silva, sogra das Senhoras D. Maria Teresa Mesquita Cardoso, D. Clotilde da Conceição Rosa Cardoso, Professora da Escola Técnica de Viana do Castelo e do Sr. Luís da Silva.

A finada, foi durante muitos anos correspondente dos nossos colegas de Imprensa «O Primeiro de Janeiro» e «O Século».

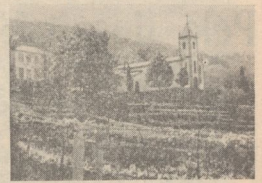
No seu funeral, que se realizou no dia seguinte, incorporaram-se muitas pessoas de todas as categorias sociais desta Vila e outras localidades, a Confraria das Almas e um piquete dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, que prestou as devidas honras, ficando o corpo da extinta inumado em jazigo de família.

Conduziu a chave da urna, seu filho Sr. Mimoso de Sousa Cardoso.

«A Voz de Melgaço» sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, o seu cartão das mais sentidas condolências.

A. L. P.

# Por Santa Rita



Após a conclusão dos exames, tem vindo aqui muitos romeiros a agradecer a Santa Rita a protecção dispensada aos alunos em tão difíceis provas. Aqui vemos meninos, comungando ao lado das suas mães e a agradecerem a protecção do Senhor, por intermédio da Santa Rita.

— Continuem os artistas a trabalhar na casa. Vamos a ver se, dentro de poucos meses, temos tudo pronto. Estamos já a pensar na encanação da água para o interior da casa, nas fossas e casa de banho. Quem nos dera ter aqui uma casa para crianças pobres. Ela faz tanta falta no nosso meio. Pois já não faltaria muito, com a ajuda de Deus.

Pensamos, brevemente, reunir aqui as Sr.ªs Zeladoras de Santa Rita, espalhadas por várias freguesias do nosso concelho e de outros. Fazem-nos falta estas reuniões, para se estudar o melhor meio de incrementar a devoção a Santa Rita e aumentar e melhorar as suas obras. Vão começar a ser expedidos, com este número de «A Voz de Melgaço», vários jornais, para as nossas zeladoras.

Que todos nos ajudem. É obra de Deus.

— As ofertas vem subindo, graças a Deus. E assim, foi encontrada numa caixa de Santa Rita uma nota de mil escudos. Do sr. António Fernandes, da Aldeia, Rouças, 100\$00; de sua esposa, 10\$00; da sr.ª Teresa Dias, de Lisboa, 20\$00 e de seu marido, sr. Acácio Dias, que aqui viera em pequenino, no seu rancho, cantando estrofes apropriadas voltou agora a recordar velhos e saudosos tempos de infância e trouxe a sua oferta, 20\$00; do nosso bom amigo, Henrique de Castro, de Crujeiras, que em Paris está sempre atento às obras da sua terra natal e à ajuda dos Pobres, mais 5.000 francos; do sr. Marinho Esteves, da Rasa, S. Paio, que tão bem um dia me receberam em Garches, junto a Paris, ele e seus irmãos, mais 4.000 francos; do sr. Moradom, 1.644\$00, e 5.000 francos; da sr.ª Palmira de Jesus Aires, do Crasto, mais 100\$00; do sr. Manuel Gonçalves Pereira, da Aldeia, Riba do Mouro, 500\$00 (como devemos tanto a esta freguesia!); da sr.ª Perfeta Gonçalves Pereira, idem, 5\$00; da sr.ª Maria das Dores Alves, S. Gregório, 100\$00; do sr. João Baptista Alves, digno guarda fiscal, do Crasto, mais 100\$00.

E, graças a Deus! É possível que neste mês, com as férias de bastantes dos nossos rapazes que se encontram em França, venham muitas ofertas. Pedem no lo os Pobres. Ajudem-nos. Também aqui são esperados aqui vários fardos de roupa, vindos de Paris, para os nossos Pobres. Vamos juntando tudo, pois em breve nos farão falta, para agazalho dos nossos irmãos, os Pobres.

Porque é que tu não vens connosco? Anda daí. Vamos!

A todos, muito obrigado o

PADRE CARLOS

## O SR. PROF. RODRIGUES

(Continuação da 1.ª página)

★

Assim, Senhor Professor Rodrigues, assim no meio do respeito do Povo da nossa terra, assim, honradamente e louvado afinal por todos.

**Pobre terra esta de Melgaço!** Já nos deram um Pardalinho como Presidente: agora, um homem, que além do mais, é espanhol pelo coração. Sua Esposa tem ido a Espanha para ali ter os seus bebês.

Como é que as mulheres da nossa terra se hão-de sentir nos grandes momentos cívicos ou patrióticos aqui vividos, perante uma Senhora assim, Esposa do Sr. Presidente?

Pobre terra a nossa de Melgaço!

## Aniversários

Nos passados dias 28 e 31, festejaram o seu aniversário natalício as nossas conterrâneas meninas, Maria Fernanda Ferreira do Paço e Maria de Lurdes Ferreira do Paço, filhas do nosso assíduo correspondente e colaborador Sr. Alfredo Lourenço do Paço e da Sr.ª D. Perpétua Ferreira do Paço.

Por tal motivo desejamos às aniversariantes, que estas felizes datas se repitam por muitos anos e os nossos parabéns.

## Agradecimento

(Continuação da 1.ª página)

Aceito, porém, muito sensibilizado, e agradeço profundamente, o louvor concedido por Sua Excelência o Ministro do Interior.

Mannel José Rodrigues

## Roubo de capoeira

Na noite de 1 do corrente, no lugar da Pedreira, freguesia de Paços, foi assaltada a capoeira do nosso assinante Sr. António Cândido Rodrigues, donde lhe furtaram quatro galinhas e o respectivo chefe da capoeira, «um soberbo galo».

Comunicado à G.N.R. do posto desta Vila, foram feitas diligências pelo seu digno comandante, Sr. Alfredo José da Costa que descobriu o autor do furto, encontrando ainda uma galinha e o dito galo, que imediatamente regressaram à base aonde pertenciam.

O autor desta proeza, foi um indivíduo que trabalha nesta localidade há cerca de 4 anos, sendo natural de Viana do Castelo e residente em Vila Praia de Ançora.

Depois de levantado o auto, foi enviado ao tribunal desta comarca.

Comer galinha, por este preço! Não é caro.

L. R.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»



# Em poucas linhas Pelo Hospital e Lar de S. José

(Continuação da 6.ª página)

A obra do ex-Presidente, que só não é vista pelos que a apreciam com «superficialidade odiosa, invejosa ou calaceira», não podia ser mais minimizada pelos escribas que «fabricam» o pasquim *Audaz*.

Ora, aconteceu que, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil de Viana do Castelo, em assomo de pessoa séria, elogiou o ex-Presidente, professor Rodrigues — exonerado por proposta de Sua Ex.<sup>a</sup>!!! — pela «sua extraordinária e inteligente actividade em prol do concelho!».

Reporto-me, como já disse em artigo anterior, ao relato feito pelo «Jornal de Notícias» da conferência de imprensa realizada no Governo Civil em 17 de Julho deste ano.

O elogio não foi feito em termos vulgares, porque «actividade extraordinária» significa «actividade fora do ordinário, actividade admirável, espantosa, grandiosa...».

«Actividade inteligente» quer dizer bem ordenada, bem orientada.

Não podia ser mais encomiástico, mais lisongeiro, nem mais honroso.

Só resta perguntar: — será sincero?

E, até, porque o Sr. Governador não navega, desde que ocupa o alto cargo, nas águas mansas da amizade do Presidente cessante e, desde algum tempo depois, vice-versa.

O elogio é, portanto, sincero. Facto curioso, dado que há muito boas relações entre os jornalistas do «Notícias de Melgaço» e o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil:

O Sr. Governador está em contradição com os jornalistas do «Notícias de Melgaço» e os jornalistas do «Notícias de Melgaço», em contradição com o Sr. Governador!!!

Com o seguinte dilema vamos apertar este, ou aqueles:

Ou os escrevinhadeiros são caluniadores, ou o Senhor Governador Civil é adulator.

Sim, se o elogio não é adulação, a crítica é calúnia; se a crítica não é calúnia, o elogio é adulação. Aqui não há meio termo.

Concorda, ou não, sr. Bacharel S. Silvestre S. S. S.?

Ora, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil, *um Chefe à altura, decidido, corajoso, de antes que brar que torcer, pela verdade,*

*pela justiça»* — «Notícias de Melgaço», em 10 6-70 — Não é um adulator.

Logo, para o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil, os escribas do «Notícias de Melgaço» são caluniadores do ex-Presidente da Câmara, professor Manuel José Rodrigues.

O Sr. Governador não o disse expressamente, mas é conclusão lógica daquilo que disse.

É, por isso, que não compreendemos que tenha sido indicado para suceder ao professor Rodrigues na Presidência da Câmara um jornalista do «Notícias de Melgaço», o sr. dr. Sidónio S. S. S.!!!

Apetecia gritar, com vênua do sr. professor Lourenço: Parece incrível!!!

\*

O Senhor Ministro do Interior louvou, no «Diário do Governo», o ex-Presidente da Câmara e, conseqüentemente, também considera caluniadores os ditos «fabricantes» do *Audaz*.

O Sr. Governador não está só; está bem acompanhado.

\*

A campanha caluniosa contra o ex-Presidente da Câmara tinha em vista a sua exoneração.

\*

O ex-Presidente da Câmara foi exonerado por proposta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Governador Civil de Viana do Castelo.

A. Rodrigues

**Dr. Luis Domingues**  
CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º  
Tel. 29415 **PORTO**

**FILIFE DE FREITAS**

tem os seus discos à venda na

**Papelaria Melgacense**

LIVRARIA - TABACARIA  
PAPELARIA

Largo Hermenegildo Solheiro  
Telef. 42306 p. f. — MELGAÇO

## ELECTRO LAR, L.<sup>DA</sup>

ESTABELECIMENTO DE ARTIGOS  
ELECTRO DOMÉSTICOS

RÁDIOS \* TELEVISORES \* FRIGORÍFICOS \* MÁQUINAS DE COSINHA \* MÁQUINAS DE LAVAR  
MÁQUINAS DE BARBEAR \* FERROS DE ENGOMAR  
ASPIRADORES \* GIRA-DISCOS \* VENTILADORES  
PANELAS DE PRESSÃO \* ETC.

AGENTES OFICIAIS:

**PHILCO — A. E. G. TELEFUNKEN**

e também AGENTE OFICIAL da famosa marca japonesa

**NATIONAL**

Encarrega-se de instalações eléctricas, com orçamentos grátis

Em frente ao Hospital — Telef. 42231 — MELGAÇO

**A Mesa foi dissolvida!**

**A Mesa nada tem de que se envergonhar!...**

**Foi um tempo de grande trabalho...**

**Sem um abraço!...**

**Entregou 226 000\$00...**

**Um pequeno acidente de viação...**

**E agora? — Recomeçar.**

**Um cabo de guerra inglês: — O que interessa é a última batalha!**

A Mesa foi dissolvida. Estávamos à espera de notícias concretas de Lisboa, que ainda não nos chegaram, para falarmos mais de espaço sobre este caso. Sim, a Mesa nada tem de que se envergonhar. Foram 10 anos de muito trabalho e de seriedade, embora houvesse todo o cuidado em não encomodar o bom Povo da nossa terra, realizando cortejos (fizemos os indispensáveis, dois) e para a construção do novo hospital, resolução esta que já vinha de Mesas anteriores. E ainda pudemos entregar em dinheiro e gados uns 226 000\$. Depois de 10 anos. E com o agravamento de pagamento a pessoal leigo, o que nos ficava muito mais pesado. Foi, na verdade, uma boa gestão dos bens da Santa Casa.

Lutamos, por vezes, contra o impossível, enfrentando-o. E vencemos!

Contra campanhas de jornais que se nos puseram no caminho; substituir imediatamente as irmãs que daqui saíram, por empregadas, quando nesta região é muito difícil, até porque em muitas aldeias há receio de trabalhar nos hospitais e há muita emigração e continuar com o funcionamento das duas casas, quando antes de nós uma delas teve de ser fechada!

Conseguir imediatamente enfermeiras num país que as não tinha em número suficiente. Tem agora duas permanentes.

Aguentar o Lar de S. José, após a saída das Irmãs, roubados ainda por cima em roupas e outros géneros, com uma fraquíssima ajuda a alguns internados, vinda de Lisboa. Não somos mais que os outros, mas, antes de nós, foi preciso fechar a casa de Eiró e mandar embora os internados.

Nunca funcionou o Asilo, como tal e durante 40 anos ali esteve sem ser dedicado ao fim para que uma bondosa Senhora da nossa terra o destinara e aguentá-lo em maré difícil, até ao ponto de (caso único no país!), termos duas ceguinhas, vindas de fora, a servir os nossos irmãos pobres.

Ver, por horas, o nosso hospital em vésperas de fechar, por falta de pessoal, correr por essas terras fora, à procura de pessoal e enfermeiras, de maneira que não houvesse faltas, em horas de ansiedade, de luta, e conseguir que não faltasse o indispensável! Quem avalia o trabalho e o sofrimento daqueles que então estavam à frente das nossas casas de assistência?

Não fizemos mais, não era possível fazer-se trabalho perfeito, quando tudo parecia lutar contra nós; mas fizemos tudo o que era possível e vencemos!

Recorreu-se ainda ao Senhor Arcebispo, por intermédio do Sr. Governador Civil, que numa hora semelhante, nos serviços da Mesa do hospital de Braga, não deixou que as Irmãs se retirassem antes da vinda de outras, mas não foi possível ouvirem-nos!

Deixamos a nossa terra mais rica. Os terrenos para o novo hospital no valor de 240 000\$. Salvamos da ruína a igreja do Convento e da Misericórdia, onde se gastaram várias dezenas de contos, aumentamos a produção de vinho com novas vinhas em Eiró, o que, nos anos normais dava para as refeições diárias dos nossos velhinhos, fomos o primeiro hospital do distrito, se não estamos em erro, a ter ambulância privativa, fizemos a despesa extra de cerca de quinhentos contos, fora o dia-a-dia do hospital e, como se disse, esta despesa agravada com o aumento de vencimentos ao pessoal leigo. Criamos a obra do Lar em Eiró.

Aguentamos. Nós que fizemos todas as economias para, na hora precisa, se realizar o sonho da nossa terra, a construção do novo hospital. Todas as poupanças seriam poucas.

Tivemos, isso sim, divergências com a Direcção-Geral da Assistência, pelo que sempre entendemos ser em proveito do nosso hospital.

E seria humano, seria justo, esperar uma palavra de gratidão, um abraço. Nada!

No último dia, da nossa vida naquela casa de Eiró, procuramos dar a notícia aos velhinhos. Custou-nos muito, muito. Também a eles. As velhinhas choraram todas. Era o abraço, o melhor que o Senhor não podia dar e à Mesa. Todos choramos. E vim para a residência paroquial. Olhei as terras em redor e os pomares que criamos. E o velho Leão, um grande e manso cão do Lar, não sei que presentiu, e acompanhou-me pinhal acima...

(Continua na 3.ª página)



### CASAMENTO ELEGANTE

Efectuou-se no passado dia 25 de Julho findo, o enlace matrimonial do sr. Prof. Fernando Vaz Alves, filho do sr. Alcindo José Alves e da sr.<sup>a</sup> D. Palmira de Jesus Vaz com a menina Fernanda Domingues, filha do sr. José Joaquim Domingues e da sr.<sup>a</sup> D. Maria Rosalina da Costa. Ele natural da freguesia de Fiães e residente na de Chaviães e ela da Vila, concelho de Melgaço.

O enlace matrimonial foi efectuado no vetusto Convento de Fiães. Para ninar o acto o sr. Amadeu Abílio Lopes e sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa D. Olicia Lopes.

Ao acto assistiram grande número de convidados, tanto do concelho, com<sup>o</sup> da cidade de Braga, entre os quais se viam os srs. Tenente Araújo Pereira da Costa Ferraz, comandante da secção da Guarda Fiscal de Melgaço, P.<sup>e</sup> Manuel Lourenço e P.<sup>e</sup> Lima, de Chaviães.

Findo o acto religioso, seguiu-se para a Estância Termal do Peso, onde, na Pensão Boavista, foi servido um lauto almoço que serviu para enaltecer as qualidades de carácter dos noivos. Ao repasto falaram os srs. P.<sup>e</sup> Manuel Lourenço, P.<sup>e</sup> Lima, Tenente Tavares, Prof. Alcindo Esteves, José Lourenço e P.<sup>e</sup> Albertino. Por último, os noivos agradeceram as referências que lhes foram dirigidas.

Os noivos, seguiram em gozo da lua de mel, através do País.



# "O caso das águas de Chaviães"

## Esclarecimentos que se impõem

No abastecimento da água de Chaviães há a considerar duas fases: a primeira diz respeito ao abastecimento por fontanários; a segunda, ao prolongamento da rede de fontanários e abastecimento domiciliário.

Pretendeu-se culpar o Presidente da Câmara de então do que se passou com as «Águas de Chaviães». Tudo se fez nesse sentido. Para a realização de fins inconfessáveis, mas que toda a gente conhece, movimentou-se toda uma campanha de intrigas, calúnias e mentiras servindo-se para isso de quase todos os jornais diários de Lisboa.

Há necessidade de esclarecer o público da verdade dos factos para que as responsabilidades recaiam sobre quem as merece.

Na 1.ª fase do abastecimento, obra da Câmara, tudo se processou sem incidentes. Proce- deu-se à inauguração e o Presidente da Câmara assistiu, como os jornais noticiaram.

O conflito surgiu na segunda fase: ampliação da rede de fontanários e estabelecimento do abastecimento domiciliário.

O Presidente da Câmara esteve alheio, melhor, alhearam-no a este abastecimento. Já não assistiu à festa inaugural que se realizou em casa do sr. Amadeu Abílio Lopes. O Concelho sabe por que não assistiu (lembrem-se do caso triste da electrificação de Chaviães).

Vejam os como tudo se processou. Em 2-4-1969 a Direcção de Urbanização comunicava à Câmara que a obra de abastecimento de água à freguesia de Chaviães fora incluída no plano de 1969-1971. Ora, como a Câmara não tinha feito qualquer pedido, perguntava aquela Direcção se se tratava de abastecimento domiciliário e se para isso já havia projecto, ao que, em 20-6-69 a referida D. U. informava:

«Pretende-se ampliar a rede existente estendendo-a a diversos lugares que actualmente não têm água e estabelecer um abastecimento domiciliário.

Para isso apresentou a Comissão Fabriqueira de Chaviães um projecto, como aconteceu na 1.ª fase da obra».

A Câmara ignorava tudo isto. É curioso, não é?

Apesar de ser a entidade participada ninguém se dirigiu à Câmara para este fim. Não passou pela Câmara o projecto, nem tão pouco a Câmara fez o pedido de participação... Quem o fez? Quem transferiu para a Comissão Fabriqueira a competência, que é exclusivamente da Câmara? A Câmara não delegou essa competência pois sabia muito bem que só ela o poderia fazer!... Mas foi, com certeza, a Direcção de Urbanização. Com que direito e para que fins?

Por mais incompreensível que tudo isto pareça, esta é que é a verdade. A Câmara, entidade participada, nada pediu. E fizessem ao menos a obra sem a incomodar e sem

lhe atribuir falsamente culpas que não tem!

Acresce ainda que o sr. Director de Urbanização diz, no citado officio, que foi a Comissão Fabriqueira que tratou da elaboração do projecto da 1.ª fase. Ora isto é totalmente falso e o sr. Director sabe-o muito bem.

Então não foi a Câmara que mandou elaborar o projecto, que o pagou e que o remeteu através da Direcção de Urbanização para participação?

Mas vejamos:

1.ª — A Câmara encarregou o agente técnico Armando Rosa Mano de elaborar projectos. Entre vários pedidos verbais e escritos que lhe dirigiu consta o officio n.º 1059, de 26-5-65, do teor seguinte:

«Junto envio a relação das fontes a beneficiar e ainda não participadas, para a elaboração das propostas, pela seguinte ordem de urgência: 1.ª, Gave; 2.ª, Parada do Monte; 3.ª, Rouças; 4.ª, S. Paio; 5.ª, Penso; 6.ª, Alvaredo; 7.ª, Paderne; 8.ª, Remoães; 9.ª, Prado; 10.ª, Vila; 11.ª, Chaviães; 12.ª, Paços; 13.ª, Cristóval; 14.ª, Fiães; 15.ª, Lamas de Moura; 16.ª, Cubalhão; 17.ª, Couso; 18.ª, Castro Laboreiro.

Aguardamos que nos sejam enviados os projectos no mais curto prazo».

Este pedido, como se vê, abrangia não só Chaviães como as restantes 17 freguesias do Concelho.

Para colher os elementos necessários o referido técnico percorreu quase todas as povoações concelhias, sendo acompanhado nesses percursos por membros das Juntas de Freguesia, Regedores e interessados e, em algumas freguesias, pelo signatário. Até as datas destas deslocações foram combinadas com o Presidente da Câmara.

Os projectos, à medida que iam sendo elaborados, eram enviados através da Direcção de Urbanização para a respectiva participação.

2.ª — Transcrevemos, quanto a Chaviães, o officio de remessa n.º 1100 de 16-5-1966:

Ex.mo Senhor Director de Urbanização  
Viana do Castelo

Assunto: Beneficiação de fontes na freguesia de Chaviães, Concelho de Melgaço, Proc.º n.º 5815/A

Recebemos no dia 14 do corrente, da mão do seu autor, o projecto de fontes a beneficiar, ainda este ano, na freguesia de Chaviães.

Rogo a V. Ex.ª o obséquio de o remeter superiormente e transmitir o pedido da Câmara para a respectiva participação, aliás prometida por Sua Ex.ª o Ministro das Obras Públicas na reunião do dia 19 de Março último em Vila Nova de Cerveira.

A necessidade destas obras encontra-se patente na memória descritiva do projecto.

Como há falta de empreiteiros e de operários, estas obras terão de ser executadas, necessariamente, pelos interessados; Por isso pedimos o favor de dar e pedir o rápido andamento.

A bem de Nação

O Presidente

a) Manuel José Rodrigues»

A obra de beneficiação de fontes no Concelho, muito volumosa — mais de 400 fontanários com mais de 100 quilómetros de canalização — só pôde ser levada a efeito com o trabalho de todos. Trabalharão juntas de freguesia, regedores, alguns párocos e muitos municípios interessados.

Em Chaviães, o que mais trabalhou na fase a que nos vimos reportando foi o sr. Amadeu Abílio Lopes. Não me consta que este senhor seja da Fabriqueira... Nem isso interessava, mesmo que o fosse. Não sei com que fim e porquê o sr. Director de Urbanização referiu a Comissão Fabriqueira... Seria por julgar que era competente para tratar do abastecimento domiciliário?

As obras de beneficiação de fontes foram feitas por administração directa da Câmara.

Em face do que fica dito ainda haverá alguém que duvide que a 1.ª fase do abastecimento de água a Chaviães foi obra da Câmara e não da Comissão Fabriqueira?

A verdade é esta, sr. Director da Urbanização!... É preciso dar o seu a seu dono...

\* \* \*

E quanto à água ser pública ou particular não há motivos para hesitações, pois que eu já tinha informado a Direcção de Urbanização em officio n.º 1621 de 23-9-69, muito antes do conflito surgir, de que era particular.

Transcrevo o referido officio:

«Ex.ª Senhor Director de Urbanização

Assunto: Beneficiação de fontes no Concelho de Melgaço; abastecimento de água à freguesia de Chaviães.

De acordo com o salientado no officio em referência, tenho a honra de informar V. Ex.ª do seguinte: a água de abastecimento em referência não é pública, é de rega e com muitos herdeiros. Estes cederam-na, como se vê na cópia de uma reclamação que junto e que me foi remetida pela direcção da Associação dos Proprietários da Levada da Caudosa, em 17 de Julho último, apenas para abastecimento de 5 fontanários e com a condição de ficarem as sobras a verter para a referida levada que conduz água de rega para Chaviães. Muitos destes herdeiros cedem-na para abastecimento domiciliário, mas outros não.

As pessoas indicadas por V. Ex.ª no officio referido foram ouvidas no dia 20 do corrente mês e declararam o que vai na cópia do auto, que remeto para melhor informação. Em face disto será preciso informar a Comissão Fabriqueira de Chaviães que antes de proceder a quaisquer obras de abastecimento domiciliário terá de resolver o problema da água.

A bem de Nação

O Presidente da Câmara,

a) Manuel José Rodrigues»

# Em poucas linhas

## O Ex.º Sr. Governador Civil contra os jornalistas do "Notícias de Melgaço,, e vice-versa

«Mas mata una mala lengua  
Que la mano del verdugo;  
El verdugo mata un hombre,  
Mas la mala lengua a muchos».

De P. Conejos

«O homem que calunia é um dardo, uma espada e uma frecha penetrante».

Prov. 25-18

«O caluniador é um ladrão».

Os escrevinhadores de «Notícias de Melgaço» criticaram, em afirmações gangrenadas pelo ódio, despeito ou coisa da mesma raiz e, quase sempre, em linguagem pelintra, a obra do ex-Presidente da Câmara, professor Manuel José Rodrigues.

Demonstraram cabalmente a sua inépcia e miopia. Não há a menor dúvida.

Apreciem os leitores o cariz da campanha desencadeada contra o ex-Presidente.

«Na informação — refere-se ao relato das obras efectuadas pela Câmara nos últimos dez anos, feito pela «Voz de Melgaço» — havia manifesto propósito de enganar; faltava um termo de comparação ou quando menos, não havia paridade; compararmos-nos conosco é circular vicioso, é comparar calma com marasma, inépcia com incapacidade, estar quieto com não fazer nada...»

E nos últimos dez anos também se pode afirmar não se faz nada, nada que se veja, mesmo sem ser comparativamente...»

Em «Notícias de Melgaço», de 20-7-1969.

«Nunca tememos bater-nos para... sacudir o torpor em que se arrasta a nossa máquina administrativa...»

Jornal citado de 10-1-70 em «Firmes e... em Frente», de A. V.

«Quando se denunciou a aberrante construção duma casa no entroncamento da estrada de Paderne... refere-se à casa do sr. Aurélio... Onde se mostra a competência da administração local?»

«Notícias de Melgaço» de 10-1-70, em «Espasmos de Verborreia».

O sr. S. Silvestre S. S. S. caluniou a Câmara chamando-lhe «ador mecido corpo administrativo local».

«Notícias de Melgaço», de 10-3-70.

Os criticos afinaram todos pelo diapasão da calúnia. O que é que lhes falseou o juízo? Toda a gente o sabe.

(Continua na 5.ª página)

Já aqui se fez referência à origem da questão. A água foi cedida para 5 fontanários e os srs. Amadeu e P.º Lima (pároco de Chaviães) sem consentimento dos consortes, utilizaram-na para mais 10 fontanários e alguns abastecimentos domiciliários. Posteriormente, no inquérito a que procedi e que enviei a S. Ex.ª o Senhor Presidente do Conselho, através do sr. Governador Civil, e a S. Ex.ª o Ministro das Obras Públicas, através Direcção de Urbanização, cheguei à mesma conclusão: que as águas são particulares, propriedade dos consortes da levada.

A partir disto tudo, pergunto por que motivo a Direcção de Urbanização não informou superiormente que a água era particular. Porque preferiu contrariar a informação da Câmara? Que motivos tinha para tal e que interesse em contradizer o afirmado pela Câmara? Não reparou que tal atitude poderia dar origem a conflitos e provocar até mortes? Visto a Comissão Fabriqueira ter contactos estreitos com a Direcção de Urbanização por que é que o sr. Director de Urbanização não levou aquela entidade a resolver o

problema da água, antes de tratar de quaisquer obras?

Os srs. Amadeu e P.º Lima sabiam muito bem que a água era dos consortes da levada. Por que não procederam de harmonia com tal conhecimento?

Esperamos que esta documentação apresentada sirva para esclarecer de vez uns pontos de vista que andam por aí a ser errada e tendenciosamente deturpada.

Deste caso será bom tomem conhecimento, para serem objectivos na informação a dar, alguns jornais que trataram deste assunto, tais como: «A Capital», «Novidades», «República», etc.

Mais uma vez afirmamos ser sinal de carácter e honradez assumir cada qual a responsabilidade dos seus actos.

Manuel José Rodrigues  
(ex-Presidente da Câmara)

N. R. — Nenhum leitor imparcial poderá, frente a toda esta documentação, deixar de atribuir os factos desagradáveis das «Águas de Chaviães» aos seus verdadeiros responsáveis.